

## *O conceito de liberdade e suas interfaces*

Maria Helena Lisboa da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** O conceito de liberdade atravessa toda a história da filosofia, dos gregos aos dias de hoje, posto que desde os gregos dos tempos homéricos a *autarquia* ou autarcia (*autarkéia*, em grego) era considerada uma virtude nobre. Ser livre significava, desde aqueles tempos, ser “mestre de si mesmo”, ter domínio sobre suas ações. Com Descartes, no séc. XVII, ele se encontra articulado ao conceito de livre-arbítrio tipicamente cristão, com a diferença de que já não se trata mais de uma “estética da existência”, do estilo do caráter, mas da autoridade da razão. Sartre traz a liberdade para o campo transcendental como possibilidade única da existência: “estamos condenados a ser livres”, enquanto Nietzsche faz da *afirmação* trágica o solo da filosofia, resgatando a antiga nobreza dos guerreiros gregos: “‘Dar estilo ao seu caráter’ — eis uma arte grande e rara!”.

**Palavras-chaves:** liberdade – autarquia – livre-arbítrio – existência – afirmação.

**Résumé:** Le concept de liberté traverse toute l’histoire de la philosophie, des grecs jusqu’à nos jours, dès que pour les grecs des temps homériques l’*autarchie* ou autarcie (*autarkéia*, en grec) a été considéré une vertu noble. Dans ces temps-là, être libre avait la signification d’être « maître de soi même », avoir contenance sur ses actions. Avec Descartes, au XVII siècle, ce concept se rencontre articulé au concept typiquement chrétien de libre-arbitre, avec cette différence qu’on ne parle plus d’une « esthétique de l’existence », du style du caractère, mais de l’autorité de la raison. Sartre mène la liberté au champs transcendental comme possibilité unique de l’existence: « nous sommes condamnés a être libres », pendant que Nietzsche fait de l’*affirmation* tragique le sol de la philosophie, en rachetant l’ancienne noblesse des guerriers grecs: « ‘Donner du style’ à son caractère — voilà un art grand et rare! ».

**Mots-clefs:** liberté – autarchie – libre-arbitre – existence – affirmation.

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Titular de Filosofia Geral do Departamento de Filosofia do IFCH/UERJ.

## I – INTRODUÇÃO

A liberdade tem uma história, tem datação de nascimento, não existe uma essência supra-histórica da liberdade, uma transcendência, portanto, não existe um “em si” da liberdade, como as Idéias (*eidé*) platônicas. Apesar de os gregos serem livres, opondo-se ao seu entorno (os grandes impérios orientais) que consideravam como bárbaro, vamos datar a história da liberdade com Descartes, portanto no séc. XVII da nossa era. Para o citado filósofo, o próprio conhecimento se equiparava à liberdade, uma vez instituído o livre-arbítrio como sinônimo de liberdade: o livre-arbítrio se entende a partir da *autonomia* do homem moderno. Descartes cunha como princípio do seu sistema de pensamento o *Cogito* que se enuncia do seguinte modo: “Penso, logo existo”. A partir da subjetividade do sujeito cartesiano, do indivíduo, é que o mundo e os outros seres são confirmados, sendo o seu método, a “dúvida metódica”. Quando o homem se torna autônomo, tem livre-arbítrio, isto é, é árbitro de si mesmo, trabalha, e pode manipular o mundo dos objetos, transformando-o.

Ocorre que também pode transformar o mundo num objeto de manipulação, como exemplifica Descartes com o exemplo do relógio, metáfora do homem: engrenagem desmontável cujas peças podem ser substituídas sem prejuízo do conjunto. Ora, nós todos sabemos, de há muito, desde o movimento da psicologia da *Gestalt* (a partir de 1920), que o todo não é a soma das partes, o todo excede as partes, por isso, a soma das partes de um corpo não constitui nenhum homem, o homem é fruto da cultura, do *socius*, e a ausência do social constrói um monstro, não um homem, a exemplo das meninas-lobo, Amala e Kamala na Índia, o selvagem de Aveyron na França, Kasparhauser, na Alemanha, para citar só alguns. A esse respeito já lembrava Aristóteles que “O homem é por natureza um ser vivo político (*zoon politicon*), a razão disso é que a natureza não faz nada em vão, sem um motivo, uma vez que o homem tem a fala, o discurso, os animais têm também a voz, mas não têm a fala, o discurso bem concatenado, por isso, só o homem sente o bem e o mal, o justo e o injusto e outras noções morais e é a comunidade de sentimentos que produz a família e a comunidade dos homens, vale dizer, a cidade” (1962, I-2.1253 a 2-15).

Ainda segundo o filósofo: “O Bem é aquilo diante do qual nada resiste”: o Bem é o *comum* dos homens, por isso ele é o *zoon politikon*; “É no *comum* dos homens que está a norma de todas as coisas”. Por isso, a política determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender e até as faculdades

tidas em maior apreço como a estratégia, a economia e a retórica estão sujeitas a ela. Segundo Aristóteles podemos afirmar, portanto, que existem três tipos principais de vida: a que tem em vista apenas o *prazer* (do homem vulgar), a vida *política* (do homem de ação) e a *contemplativa* (do filósofo, a mais elevada). A consideração dos tipos principais de vida mostra que as pessoas refinadas e de índole ativa identificam a felicidade com a honra, pois esta é a finalidade da vida política. Quanto à vida consagrada ao ganho, segundo o filósofo, é uma vida forçada e a riqueza não deve ser o bem que procuramos: é algo de útil, nada mais e, além disso, ambicionada no interesse de outra coisa (Idem, 1973, I-1 1094 a 1-5).

Para Aristóteles, como também para Platão, a verdadeira felicidade ou o verdadeiro bem é sempre aquilo que é buscado por si mesmo e não com vistas em outra coisa, por isso ele é algo de absoluto e não relativo. Daí que as ações virtuosas sejam apazíveis em si mesmas e a consequência disso é que o objetivo da vida política seja o melhor dos fins, pois essa ciência se esforça por fazer com que os cidadãos sejam bons, livres e capazes de nobres ações.

## II – A LIBERDADE EM SARTRE

“ O homem é antes de mais nada um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor” (SARTRE, 1962, p.183).

A filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre sustenta-se sobre três princípios básicos: O primeiro princípio postula a prioridade da *existência* sobre a *essência*. O segundo princípio diz respeito ao primado da *subjetividade*. E o terceiro, sobre a *liberdade* constitutiva do projeto humano. Assim como Nietzsche no séc. XIX, Sartre não é um pensador de regras e sistemas mas da consciência e do sujeito que constrói o significado e a sua liberdade: “a vida não tem sentido *a priori*. Antes de viverdes, a vida não é nada; mas de vós depende dar-lhe um sentido, e o valor não é outra coisa senão esse sentido que escolherdes” (Idem, p.231). Em Sartre, o homem ganha uma dimensão própria construindo a sua essência, é notório o mote que se instituiu como o marco do existencialismo do Pós-guerra (Segunda Guerra Mundial, 1945) de que a “existência precede a essência”, vale dizer, “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define” (Idem, p.182), “o homem não é mais que o que ele se faz. Tal é o primeiro princípio

do existencialismo” (Ibidem), inversão radical de toda a história da metafísica em que a “essência precede a existência” de Platão à Hegel, considerado o último pensador metafísico da História da Filosofia.

Na concepção do filósofo, a própria História é um movimento de totalização que tem o homem como agente totalizador, o homem consciente e livre: “o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e no entanto livre, porque uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo quanto fizer” (Idem, p.194), por isso o filósofo ratifica:

O homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento da sua total e profunda responsabilidade (Idem, p.187).

Somos, portanto, um “ser em situação”, o que nos incita à responsabilidade do ato, da escolha, da decisão: “você é livre, escolha, quero dizer, invente. Nenhuma moral geral pode indicar-vos o que há a fazer; não há sinais no mundo” (Idem, p.201), e mesmo que os houvesse, o existencialista “pensa que o homem decifra ele mesmo esse sinal como lhe aprouver. Pensa portanto que o homem, sem qualquer apoio e sem qualquer auxílio, está condenado a cada instante a inventar o homem” (Idem, p.194). A consciência sendo sempre « consciência de alguma coisa », consciência intencional desde Brentano e o *conceito de intencionalidade* acrescido do legado de Husserl que assumiu como proposta a tarefa de restabelecer em segurança e com rigor o estatuto do saber, das relações do homem com o mundo e com a vida, está sempre *situada*, isto é, ela existe como um modo de ser, um gesto, um ato. Se eu não tenho uma medida para medir o valor dos meus sentimentos, como saber se eles são autênticos, se são um meio ou um fim? Sartre responde: “Se os valores são vagos, e sempre demasiado vagos para o caso preciso e concreto que consideramos, só nos resta guiarmo-nos pelo instinto” (Idem, p.198). Só posso, pois, medir o valor de um afeto pela confirmação correlata ao ato, isto é, a menos que precisamente, eu pratique um ato que o confirme e o defina” (Idem, p.199). Sartre exemplifica:

Se sinto que amo o bastante a minha mãe para lhe sacrificar tudo o mais – o meu desejo de vingança, o meu desejo de ação, o meu desejo de aventuras – fico junto dela. Se, pelo contrário, sinto que o meu amor por minha mãe não é o bastante, então parto. Mas como determinar o valor de um sentimento? Que é que constituía o valor

do sentimento para com a mãe? Precisamente o fato de ter ficado por causa dela (Idem, p. 198-9).

Sartre não constrói uma *estética da existência* ancorada no *trágico* como condição *sine qua non*, como é o caso para Nietzsche; sua preocupação é ética, “(...) devemos comparar a escolha moral com a construção duma obra de arte” (Idem, p.221), não no sentido de uma moral estética estabelecida por regras *a priori*, um certo *cânon* estético como a regra de ouro na Grécia, mas no sentido de que a moral há de se fazer, fazendo, sem valores pré-estabelecidos, como se faz um quadro ou se escreve um texto, uma situação criadora: “O que há de comum entre a arte e a moral é que, nos dois casos, temos criação e invenção” (Idem, p.223). Há uma obra póstuma reunida nos *Cahiers pour une morale*, editado pela Gallimard, onde o autor atravessa os conceitos de valor, liberdade, responsabilidade e compromisso, conceitos basilares do universo sartriano e de toda uma geração à qual faço parte e que a deixaram marcada para sempre como a « geração pós-existencialista » dos anos 50 e 60.

No existencialismo de Sartre, a consciência ultrapassa a subjetividade entendida na concepção clássica como conteúdo da consciência, distanciando-se do seu objeto (só o animal vive colado às coisas, imerso no mundo não sendo, portanto, livre; o homem emerge do mundo), o que a leva a projetar-se para além dele mesmo, ultrapassando-se em direção ao futuro, para se estilhaçar na angústia do compromisso: “o homem está constantemente fora de si mesmo, é projetando-se e perdendo-se fora de si que ele faz existir o homem e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele pode existir” (Idem, p.233-4). Por outro lado, esse distanciamento como “náusea existencial” e “angústia existencial”: “A náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas deixei de sofrer com ela, não se trata já duma doença nem dum acesso passageiro: a náusea sou eu” (Idem, 1964, p.216), desabafa Roquentin no romance homônimo, se compreendem pelas escolhas éticas e compromisso diante de um mundo que eu não escolhi mas ao qual estou para sempre atrelado: o homem encontra-se jogado e abandonado num mundo sem desculpas, “Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas” (Idem, 1962, p.193), esquecidos de Deus e de qualquer suporte externo que justifique a sua existência. Os suportes têm que ser encontrados na construção da subjetividade, o que se dá num campo



experiencial e vivencial onde me encontro junto com todos os outros “para-si »; escolhendo-me “escolho”, também, a humanidade: “Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens” (Idem, p.184-5). E acrescenta Sartre, “Escolher ser isto ou aquilo, é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos” (Idem, p.185).

Existindo como liberdade, o homem é o fundamento dos valores, na gratuidade do seu ato, não se justificando, portanto, que adote este ou aquele valor, mas experimentando, ao contrário, a angustia da decisão: “só há realidade na ação; (...) o homem não é senão o seu projeto, só existe na medida em que se realiza, não é portanto nada mais do que o conjunto dos seus atos, nada mais do que a sua vida” (Idem, p.207), o que não significa que ele não possa existir na inautenticidade, como é o caso do conceito sartriano da *má-fé*: “Um homem embrenha-se na sua vida, desenha o seu retrato, e para lá desse retrato não há nada” (Idem, p.208), (...) “Mas por outro lado, ele dispõe as pessoas à compreensão de que só conta a realidade, que os sonhos, as expectativas, as esperanças apenas permitem definir um homem como sonho malgrado, como esperança abortada, como expectativa inútil” (Idem, p.208-9). No cômputo geral, “O que diz o existencialista é que o covarde se faz covarde, que o herói se faz herói; há sempre uma possibilidade para o covarde de já não ser covarde, como para o herói de deixar de o ser. O que conta é o compromisso total” (Idem, p.211-2).

Desse modo, o homem não está somente “condenado a ser livre”, esta liberdade o condena também a ser ator e o fundamento desse comportamento é o fato de o homem não poder existir ao modo como as coisas existem, por isso a “*má-fé*” consiste em fugir do que se é e embora o homem tenda ao ser, ele não é como deve ser. Porém, façamos a ressalva, representar significa exatamente não coincidir com a função que represento posto que não a sou quer dizer, eu não posso ser a máscara, colá-la ao meu corpo de modo que eu dela não me diferencie, Sartre exemplifica com o garçom do café: “o garçom de café não pode ser imediatamente garçom de café, no sentido em que o tinteiro é tinteiro e o copo é copo” (Idem, 1953, p.99). E Sartre conclui: “Não posso dizer que sou eu quem está aqui nem que não o sou, no sentido em que se diz que “o que está em cima da mesa é uma caixa de

fósforos”: seria confundir meu “ser-no-mundo” com “ser-no-meio-do-mundo” (...) Por toda parte, escapo ao ser - e, não obstante, sou” (Idem, p.100). Para concluir esse breve “entreato” sobre um dos temas mais polêmicos de um dos maiores pensadores do séc. XX, lembremos o grande poeta português Fernando Pessoa, (1965, [456], “Tabacaria”, p.365), o poeta das sensações metafísicas, quando trata também daquilo que “somos e não gostaríamos de ser ou do que gostaríamos de ser, mas não somos”:

Fiz de mim o que não soube,  
 E o que podia fazer de mim não o fiz.  
 O dominó que vesti estava errado.  
 Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
 Quando quis tirar a máscara,  
 Estava pegada à cara.  
 Quando a tirei e me vi ao espelho,  
 Já tinha envelhecido.  
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.  
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário  
 Como um cão tolerado pela gerência  
 Por ser inofensivo  
 E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

### III – A LIBERDADE EM NIETZSCHE

Situação, outra, encontramos em Nietzsche, para quem o homem livre é o afirmador do *acaso*: “Em verdade, é uma benção e não uma maldição ensinar: em todas as coisas, se encontra o céu acaso, o céu inocência, o céu quase, o céu temeridade. ‘Por acaso’ — esta é a mais antiga nobreza do mundo, eu a devolvo a todas as coisas, eu as libertei da servitude da finalidade” (1908, p.238). A política trágica que lhe é inerente e a condição fisiológica de sua existência é a da *Grande-saúde*, conceito explicitado no aforismo 382 de *A Gaia ciência*: “Nós, os novos, os inominados, as gentes difíceis de compreender (...), precisamos de uma nova saúde, de uma saúde mais forte, mais aguda, mais obstinada, mais intrépida, mais alegre do que qualquer outra que tenha existido: ‘a grande saúde’ (1999, V). Mas o que Nietzsche entende por saúde, ele que foi sempre um homem doente? Em Nietzsche, a saúde está correlacionada a um excesso de forças, a uma plenitude, à criação de novos valores: “O martelo.— Como devem ser os homens que transmutarão os valores? Homens que terão *todas* as qualidades da alma moderna, mas que terão a força de transformá-las em saúde” (1997, v. II § 573).



Para Manuel de Barros, poeta pantaneiro que soube fazer de sua vida uma *obra de arte*, como sinalizou Nietzsche em *Ecce homo*, a saúde está relacionada à espontaneidade da vida que repete a diferença: “Repetir, repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo”, (...) “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”, (2001). Deleuze observa que pensar é fazer do pensamento um *ritornello*, um refrão, uma reunião de forças para a ação, como quando uma criança tem medo do escuro e canta para sossegar e dormir; forças do corpo, do cosmos, da terra. O *ritornelo* delimita as fronteiras do espaço interno, como o canto dos pássaros e a urina dos cães machos. José Gil no texto, “Ritornelo e imanência”, do livro organizado por Gil e Daniel Lins, *Nietzsche/Deleuze. Jogo e música* (VI Simpósio Internacional de Filosofia), afirma: “A improvisação é um ritornelo. A improvisação é criação” (...) “O que é improvisar? É entrar em uma experimentação que introduz o maior coeficiente possível de acaso no seu processo” (2008, p.136). E como que num ápice, introduz a idéia de que a música é o maior de todos os *ritornelos*, posto que segundo Deleuze “o som conserva talvez o maior poder e coeficiente de desterritorialização” (Idem, p.137).

Contrariando Descartes, Barrenechéa chama atenção para o fato de que para Nietzsche liberdade não é livre-arbítrio, já que a função de arbítrio é *normativa*, o homem só é livre para praticar o bem, pois se escolher o mal peca, sendo considerado culpado pela ação cometida (2008, p.11). Nietzsche está nas antípodas de todo e qualquer ato moral: “É conhecida a exigência que faço ao filósofo: deve colocar-se *para além* do bem e do mal (...) Semelhante exigência deriva de um ponto de vista que foi, pela primeira vez, por mim formulado: *não há fatos morais*” (1995, p.97, § 1), sua concepção é eminentemente estética; afirmando o retorno de todas as coisas o homem se liberta daquilo que foi, da pedra que não pode ser removida, alijando todo e qualquer ressentimento, posto que o que retorna são os acontecimentos, as curvas de intensidade das forças. Para Nietzsche, o homem livre é um criador de novos valores, da força transmutada, da eternidade do tempo: “Minha filosofia oferece o pensamento vitorioso que por fim prostrará vencida qualquer outra doutrina... É o grande pensamento seletivo [...] (1997, v. II, § 229).



No *Zaratustra*, Nietzsche se refere à saúde como plenitude e ocaso, excesso e finitude, na forma da sua conjugação: aquele que num grau inaudito diz não a tudo quanto até agora disseram sim, é, ao mesmo tempo, o contrário de um espírito negativo – Zaratustra é um afirmador e um dançarino!: “Eu não poderia crer senão num deus que soubesse dançar (...) Agora eu sou leve, agora eu vôo, agora eu me ultrapasso, agora um deus dança em mim” (1908, p.55-6). No *Ecce homo*, na autocrítica ao *Zaratustra*, o filósofo articula o conceito de “Grande-saúde” com o de “vontade de potência”, chave-mestra da sua potência de pensar, trata-se do “Canto Noturno” do segundo livro de *Assim falou Zaratustra*: “É noite: agora todas as fontes jorram mais alto. E minha alma, também é uma fonte que jorra. É noite: agora somente acordam os cantos dos amantes. E minha alma é também o canto de um amante. (...) Eu sou luz: ah, se eu fosse noite! Mas é minha solidão ser cercado de luz. Eu vivo na minha própria luz, eu absorvo em mim mesmo as chamas que saem de mim” (1908, p.147-8), imagem expressa na mitologia pela fênix, animal que renasce eternamente de suas próprias cinzas, “*incipit tragoedia!*”.

#### IV - CONCLUSÃO

Nietzsche é um pensador trágico, como afirma de próprio punho em toda a sua vasta obra e por *trágico* entendemos a assunção da vida mesmo nos seus momentos mais dolorosos e difíceis, sendo do filósofo a afirmação que se banalizou na mídia: “O que não me mata, me fortalece”, por isso diz, “eu fiz da minha vontade de saúde e de vida minha filosofia...” (1995, p. 247 § 2), dado ao seu estado precário de saúde. Sabemos, porém, que Nietzsche avaliava a doença correlata à saúde, a plenitude e o ocaso, contrários complementares, como em Heráclito, contrários em luta: “Minha única ambição de poeta é a de recompor, de trazer para a unidade, o que é apenas fragmento, enigma, terrível acaso (...) *Juntar todos os que foram*, e converter todo “*havia*” em “*é assim que eu quis*”, isto, e só isto, eu chamaria de redenção” (1995, p.317 § 8).

Sartre não é um pensador trágico, pelo contrário, faz uso das coordenadas do pensamento filosófico vigente, não se coloca como *extemporâneo*, não podemos dizer que tenha sido um discípulo do deus Dioniso, como Nietzsche. Dadas essas coordenadas, que relação poderia existir entre os dois pensadores, como alocar, num mesmo texto, o

“existencialista” e o “trágico”? Além do mais, o enfoque sartriano é ético e não estético como é o caso para Nietzsche, mas em ambos os casos só contamos com o que podemos agarrar com nossas próprias mãos, não podemos contar com deus ou qualquer equivalente transcendente. Sartre o acompanha nesse percurso experimental, singular e insubstituível da vida como criação de valores, da liberdade como dimensão transcendental da existência e na resistência que é preciso superar para afirmar o seu *estilo*, sua “arte de viver” ao modo como os gregos acreditaram: “O homem livre é um *guerreiro*” (1995, p.133 § 38), sentencia o filósofo de Röcken. Do outro lado, afiança Sartre, “Todo existente nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por encontro imprevisto (...), apesar disso, “a existência é uma plenitude que o homem não pode abandonar” (1964, p.228), um pensamento potente.

Em *A lha deserta e outros textos*, Deleuze define a filosofia a “golpes de martelo” de Nietzsche com três enunciados de fôlego: nunca nada de conhecido, mas uma grande destruição do reconhecido, em favor de uma criação do desconhecido” (2008, p.176). Sobre Sartre, nos anos da Sorbonne, elogia sua leveza, nem um modelo nem um método ou um exemplo, mas um pouco de ar puro, ele “era nosso Fora, era verdadeiramente a corrente de ar de fora (...), um intelectual que mudava singularmente a situação do intelectual”, uma combinação única que, segundo Deleuze, lhe dava força para agüentar as provações da Academia (1996, p.18-9).

**Referências Bibliográficas:**

- ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. Jacques Tricot. Paris: PUF, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Ética à Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. *Os Pensadores*).
- BARRENECHÉA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- CUNHA, M. H. Lisboa da. *Nietzsche- Espírito artístico*. 1ª ed. Londrina: CEFIL, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Rhizoma. Uma estética da existência em Platão, Nietzsche e Jung*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Verbeta, 2009.
- DE BARROS, Manuel. *Manuel de Barros por Pedro Paulo Rangel e Manuel de Barros*. CD: “Coleção Poesia falada”, vol. 08. Rio de Janeiro: Luz da Cidade, 2001.
- GIL, José, LINS, Daniel (Org.). *Nietzsche/Deleuze. Jogo e música* (VI Simpósio Internacional de Filosofia). 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Œuvres philosophiques complètes*. Tome V. *Le Gai savoir. Fragments posthumes* (1881-1882). Traduction de Pierre Klossowski. Textes et variantes établis par G. Colli e M. Montinari. Paris: Gallimard, 1999. Traduction de *Die fröhliche Wissenschaft*.
- \_\_\_\_\_. *Œuvres philosophiques complètes*. Édition critique établie par G. Colli et M. Montinari. Tome VIII, v. 1. *Le Cas Wagner, Crépuscule des idoles, L'Antéchrist, Ecce homo, Nietzsche contre Wagner*. Trad. Jean-Claude Hémerly, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Ainsi parlait Zarathoustra (Un livre pour tous et pour personne)*. Trad. Henri Albert. 17e éd. Paris: Mercure de France, 1908.
- \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*: Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Seleção de textos de Gérard Lebrun. São Paulo: Abril Cultural, 1974, 1ª ed., (Coleção *Os Pensadores*).
- \_\_\_\_\_. *La Volonté de puissance*. Traduction de Geneviève Bianquis. (Organisé par Friedrich Würzbach). Paris: Gallimard, 1997, 2 vs. Traduction de *Wille zur Macht*.
- PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Ed., 1965.

SARTRE, J. P. *L'Être et le néant — Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um humanismo*. Trad. prefácio e notas de Vergílio Ferreira. Porto: Edit. Presença, 1962. Tradução de *L'Existencialisme est un humanisme*.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da liberdade. A Idade da razão*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961. Tradução de *Les Chemins de la liberté. L'Âge de raison*.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da liberdade. Sursis*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961. Tradução de *Les Chemins de la liberté. Sursis*.

\_\_\_\_\_. *Os Caminhos da liberdade. Com a morte na alma*. Trad. Sérgio Milliet, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961. Tradução de *Les Chemins de la liberté. La Mort dans l'âme*.

\_\_\_\_\_. *A Náusea*. Trad. António Coimbra Martins. Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.